
O impacto da pandemia no setor cultural - Parte 2

A nova forma da cultura por vir

Roberto Noritomi

Consultor técnico legislativo-sociologia e doutor em sociologia (USP)

Todos os direitos reservados. Este trabalho poderá ser reproduzido ou transmitido na íntegra, desde que citado (as) o (as) autor (as). Reproduções para fins comerciais são proibidas.
O conteúdo deste trabalho é de responsabilidade dos autores e não representa posicionamento oficial da Câmara Municipal de São Paulo ou da Consultoria Técnico Legislativa.

O impacto da pandemia no setor cultural - Parte 2

- A nova forma da cultura por vir

Esta segunda parte do ensaio sobre os impactos da pandemia no setor cultural busca extrair perspectivas de mudanças na produção e na fruição estética. A partir da observação de algumas experiências em várias modalidades artísticas, procurou-se especular a respeito de caminhos que poderão, ou não, se consolidar como uma nova forma de cultura por vir. A expressão remete ao disco "The shape of jazz to come", concebido em 1959 pelo saxofonista estadunidense Ornette Coleman. Neste disco, Coleman introduz dissonâncias e tensões harmônicas no jazz que abriram as portas para a eclosão de inúmeros e definitivos desdobramentos musicais a partir dos anos sessenta em diante.

Certamente o setor cultural não sofrerá uma reviravolta tão radical quanto aquela provocada por Coleman, pelo menos a curto e médio prazo, mas processos estéticos ainda tímidos poderão se acentuar e outros, hoje inéditos, serão gestados em decorrência das exigências e limites impostos pelas medidas em curso¹. É generalizada entre intelectuais e artistas, com os dissensos habituais, a percepção de que transformações indelévels ocorrerão e reorientarão o fazer e o consumir cultura. A CultureActionEurope, principal organização de articulação cultural da Europa, lançou uma nota em que é categórica: "o mundo das artes, cultura, patrimônio e criatividade não será o mesmo depois da Covid-19"². A revista *Foreign Policy* publicou em seu *site* uma enquete em que profissionais e especialistas de relevantes instituições da área de cultura são enfáticos em dizer que "vive-se o nascimento de uma outra geração cultural", sendo a tecnologia o grande fator de mediação dos objetos estéticos a partir de agora³.

Exagerada ou não, a ideia de uma "virada cultural" encontra amparo em um contexto em que a atomização extrema dos indivíduos é potencializada pelos aparatos eletrônicos de comunicação e informação. Portanto, um certo solipsismo mediado e reforçado pela tecnologia já é fato. A pandemia entra de para conferir a legitimidade tão aguardada para esse comportamento insular moralmente mal digerido. Permanecer encerrado intramuros, interagindo e dispondo do mundo externo sem o "desgaste" do contato a quente, parece não ter causado grandes transtornos para a maioria das pessoas. Afinal, já é assim

¹ Não seria o caso de invocar, de largada, o movimento de "guinada cultural" observado pelo crítico Fredric Jameson ao analisar o pós-modernismo, mas há pontos de conexão que mereceriam, em outra oportunidade, alguma aproximação. Para isso seria útil visitar JAMESON, Fredric. *A virada cultural*. Editora Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 2006.

² <https://cultureactioneurope.org/news/the-future-of-culture-and-creative-sectors-in-post-covid-19-europe/>

³ <https://foreignpolicy.com/2020/08/15/covid-19-pandemic-culture-sports-entertainment/>

que se vive, pelo menos no circuito de classe média e alta dos grandes centros urbanos, caracterizado por uma sociabilidade que tem como eixo sociodinâmico a preservação da intimidade, do culto do indivíduo e de relações liquefeitas⁴.

Nesse contexto, a produção, a circulação e o consumo cultural passarão por solavancos traumáticos, mas não parece que haverá muitos dilemas no movimento de "transmigração" dos agentes culturais e dos indivíduos para os novos suportes e plataformas, que nem parecem tão novos de tão difundidos que estão. O que surge no horizonte são os entraves estruturais de sempre, quais sejam, os de ordem material, que continuarão apartando os expropriados e explorados economicamente.

Os exemplos a seguir poderão franquear algumas trôpegas ilações sobre a nova cultura por vir e esses entraves estruturais. É apenas um lance de dados limitado e que deixa todo um universo de fora.

Audiovisual

A modalidade das expressões audiovisuais traz o maior apelo na contemporaneidade. Do ângulo da produção, o impacto da pandemia e das políticas de quarentena afetou o setor do audiovisual de uma forma ambivalente. Por um lado, as grandes produções industriais, Hollywood em primeiro lugar, foram canceladas e terão um longo e complexo período de redefinição. Por outro, as produções próprias das plataformas de streaming, Netflix e Globoplay principalmente, parecem estar se adaptando de modo mais fácil às limitações⁵. Exatamente porque seus esquemas produtivos são mais compactos e mais ágeis. Mas o que mais merece atenção é o surgimento de iniciativas de um "cinema doméstico", realizado no estrito domínio da casa, com recursos técnicos mínimos (câmera de celular ou fotográfica eletrônica, por exemplo) e os familiares e amigos como intérpretes e assistentes. Isso não é novidade⁶, no entanto, essa modalidade adquiriu um impulso no contexto da pandemia, com especial destaque nas regiões periféricas. Reclusas, pessoas inseridas, ou não, no campo artístico, começaram a explorar as possibilidades de compor e filmar narrativas dentro da casa, a partir de dramas cotidianos imediatos. É o caso de Juliana Jesus, morador do Itaim Paulista, poeta,

⁴ BAUMAN, Zygmunt. *A sociedade individualizada*. Zahar, Rio de Janeiro, 2008. Seria o caso de se pensar as diferenças de sociabilidade entre os grupos urbanos, marcados pelo anonimato e o individualismo e aqueles outros grupos em que prevalecem os laços comunitários e pessoalizados, tão típicos em regiões do interior. Isso poderia servir para entender as diferenças na aplicação das medidas de isolamento social no país.

⁵ As características maleáveis de produção da Netflix eram bem conhecidas, mas elas vão se comprovar num momento de crise (<https://forbes.com.br/negocios/2018/05/netflix-aposta-alto-na-producao-de-filmes-proprios/>).

⁶ O chamado "cinema de bordas" tem a ver diretamente com esse tipo de produção, que desde 2010 vem ganhando espaço institucional (<https://www.abcine.org.br/noticias/?id=137&/cinema-de-bordas>).

iluminadora e "sevirologista" ("quem se vira para viver", segundo a própria Juliana)⁷, que filmou e concluiu o curta metragem "Pipa" durante a pandemia⁸. Outro exemplo é o de Douglas Cordeiro, morador de Suzano, que atua com audiovisual, e num curto período entre abril e maio filmou as preocupações da família diante do adoecimento de uma tia em Pernambuco⁹. O resultado foi "E daí", um curta metragem mínimo e feito totalmente no interior da casa. Como Juliana e Douglas, outros jovens se aventuraram pela realização de pequenos filmes. De acordo com Heloisa Maria, produtora de audiovisual, "existe um pessoal despertando para o audiovisual nos bairros mais distantes. É gente sem grana, mas com muitas ideias e vontade de se expressar"¹⁰. Nas contas de Heloisa, "há pelo menos uns nove projetos em andamento só aqui na região de Parelheiros". Ruivo Lopes, ativista cultural paulistano, afirma que "muitos trabalhos com filme de baixíssimo orçamento estão em andamento nos extremos da cidade. Eu conheço vários em cada canto da cidade"¹¹. E as mulheres predominam nos títulos já concluídos, como atesta a presença de Juliana Jesus.

Se a Netflix estende seus tentáculos gigantesco pelo mundo a fora, produzindo conteúdos para sua plataforma em uma diversidade de idiomas no mundo, germina uma produção local, periférica, de custo quase zero, com boas perspectivas de se firmar como uma alternativa ao conteúdo pasteurizado das séries.

No campo da difusão e circulação de obras audiovisuais, o setor já enfrentava mudanças antes da pandemia. As plataformas de streaming vinham provocando redução na audiência dos cinemas e após março a situação se acentuou¹². De um lado, as salas de cinema foram obrigadas a fechar as portas e os lançamentos foram cancelados. De outro, com a reclusão forçada, o consumo de filmes e seriados por streaming se expandiu. Segundo pesquisa da agência de monitoramento Conviva, "somente a Netflix, hoje o maior player do mercado, registrou em abril um crescimento de 15,7 milhões de usuários globalmente."¹³ A consequência dessa reviravolta é o aumento do investimento das redes de streaming em produções próprias, que passam a disputar os domínios do cinema tradicional. O público, cada vez mais voltado para o

⁷ <https://ponte.org/pontecast-como-fazer-cinema-e-poesia-na-periferia/>

⁸ O curta está disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=7a1QPL5T_28

⁹ <https://www.diariodesuzano.com.br/cidades/e-dai-curta-produzido-em-suzano-e-destaque-na-agencia-mural/54145/>

¹⁰ Depoimentos colhidos por whatsapp em 04/09/2020.

¹¹ Depoimentos colhidos por whatsapp em 05/09/2020.

¹² Como observou o pesquisador Jonathan Kuntz, "the coronavirus has killed every branch of the Hollywood business model, and no respirator will ever revive it. That model was already under siege before 2020's disaster, which only accelerated the changes unleashed by streaming services more than a decade ago". (<https://foreignpolicy.com/2020/08/15/covid-19-pandemic-culture-sports-entertainment/>)

¹³ <https://www.metropoles.com/entretenimento/audiencia-de-streaming-cresce-20-durante-pandemia-do-coronavirus>.

consumo privado de obra audiovisual, não busca mais as grandes telas; os aparelhos de televisão se consolidam como preferência às salas coletivas¹⁴; novas gerações estão muito bem acomodadas às pequenas dimensões das telas de celular e de computador. Por causa da segurança sanitária e da comodidade, o streaming está vencendo a disputa com os grandes estúdios hollywoodianos e, principalmente, com os exibidores. Como afirmou o dono do Cine Belas Artes, "a sala de exibição não tem como entregar filmes por delivery, como faz o streaming"¹⁵. Num primeiro momento, vários empresários chegaram a alardear "um apagão no parque exibidor", porque é difícil manter as salas fechadas com alugueis elevados e seria inviável limitar as sessões a trinta ou quarenta por cento da ocupação¹⁶. O golpe mais fatal vem contra os conhecidos "cinemas de rua", que não dispõem de reserva de capital para um investimento em modernização cujo retorno de rotação é imprevisível e poderia levar até anos.

Isso não significa, evidentemente, que o cinema como experiência coletiva está com seus dias contados. "O que está mudando, sim, é a forma de consumir cinema, e essa transformação foi acelerada pela pandemia da Covid-19"¹⁷.

Essa mudança tem se dado menos nos padrões produtivos e mais na reorganização das modalidades de exibição. Os encontros coletivos para ver filmes, se antes era um fim em si mesmo, agora se convertem num mero pretexto para experiências que ultrapassam qualquer obra estética e colocam o espectador num ambiente de estímulos físicos que valem por si. É isso que estava se dando com as grandes e paramentadas salas de exibição em 3D, com poltronas giratórias e outras emulações sinestésicas. O destino dessas salas é uma incógnita, mas uma das pistas para a sala de exibição pós-pandemia pode estar aí. Seria como o ressurgimento dos "cineteatros" dos anos vinte do século passado, que o sociólogo alemão Siegfried Kracauer tão bem teorizou ao se referir aos cinemas de Berlim: "Pelo menos os principais teatros adotaram o princípio americano dos espetáculos completos, nos quais o filme se insere como parte de um todo maior."¹⁸ A diferença é que seriam os shoppings, e não as ruas e praças, o receptáculos desses lugares grandiosos.

Uma outra via que tem surgido no horizonte é o resgate da prática de exibição em grandes estacionamentos, ou seja, os drive-ins. É uma tendência mundial¹⁹

¹⁴ https://www.em.com.br/app/noticia/economia/2018/01/23/internas_economia,932781/vendas-de-tvs-crescem-no-brasil-e-no-mundo.shtml

¹⁵ <https://farofafa.cartacapital.com.br/2020/07/03/catastrofes-a-granel/>

¹⁶ <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2020/04/22/O-futuro-das-salas-de-cinema-no-Brasil-p%C3%B3s-pandemia>

¹⁷ <https://www.omelete.com.br/filmes/analise-novo-acordo-que-prioriza-streaming-ajuda-a-sepultar-os-cinemas>

¹⁸ Kracauer, S.. "Culto da distração". In: KRACAUER, Siegfried. *O ornamento da massa*. Cosac Naify, São Paulo, 2009.

¹⁹ "With New York movie theatres closed to maintain social distancing, the big-screen experience has been thriving at drive-ins, which are making a comeback throughout the region".

que vem se verificando no Brasil, em grandes e pequenas cidades. Na cidade de São Paulo, e com uma programação variada, o número de drive-ins saltou de cinco no início de julho para dezesseis em fins de agosto²⁰. O apelo nostálgico, o conforto e a segurança do carro são invocados como os diferenciais para atrair o expectador encerrado no aconchego do lar (o carro é uma espécie de "segundo lar"). Mais do que o shopping, o drive-in possibilita o deslocamento dentro da própria "casa", com a vantagem de poder partilhar emoções apenas com o círculo de pessoas próximas, podendo inclusive transcender as fronteiras do decoro e do regozijo sensorial. O "ir ao cinema" deixa de ter como objeto o filme e passa a abranger uma série de outros sentidos.

Não há dúvida quanto ao caráter segregador dessas mudanças. Os ingressos serão ainda mais caros e os meios de acesso menos favoráveis. Somente proprietários de automóveis poderão usufruir desse consumo. Além disso, a expansão do modelo de drive-ins tem implicado uma demanda por grandes terrenos, o que acabou valorizando espaços ociosos e, ao mesmo, tempo, provocou a refuncionalização de outros, como o Alianz Parque, o Memorial da América Latina etc. No lugar do circo, agora o cinema.

Teatro

A cidade vinha vivenciando uma intensa especialização da produção dramaturgica; ao lado das grandes produtoras, muitas companhias independentes surgiram e vários espaços de encenação se espalharam pelos bairros. Com o fechamento dos teatros, todos sofreram a interrupção de projetos e da possibilidade de renda. Os trabalhadores de apoio, como se viu, foram expelidos de imediato das fileiras de trabalho; os atores se desdobraaram, muitos enveredando para outras atividades, alguns outros teimaram em resistir na área.

Foi aí que o formato mais compacto e ousado das produções contemporâneas garantiu que as pequenas companhias conseguissem lidar melhor com as restrições da quarentena. Para o professor Abílio Tavares, especialista em teatro brasileiro, "um teatro de pesquisa de linguagem ou um teatro mais experimental, talvez tenha mais facilidade para se adaptar a essa nova realidade. Já o teatro mais convencional e comercial, baseado na tradicional relação do palco e plateia em forma de teatro italiano, talvez, esse, tenha mais dificuldade"²¹.

(<https://www.newyorker.com/magazine/2020/08/03/the-return-of-the-drive-in>). Da mesma forma, na Alemanha: <https://www.dw.com/en/drive-in-cinemas-are-booming-in-germany-amid-covid-19-restrictions/a-53295181>.

²⁰ Levantamento feito a partir dos roteiros culturais publicados nos jornais *Folha de S. Paulo* e *O Estado de S. Paulo*.

²¹ "O teatro terá futuro após a pandemia de COVID-19?" (<https://www.consumidormoderno.com.br/2020/06/02/teatro-futuro-covid-19/>)

A adaptação às tecnologias da comunicação não foi um problema. Desde o início da quarentena despontaram várias iniciativas que procuraram lidar com os novos meios, realizando apresentações pelas redes sociais (especialmente o Instagram) e pelas plataformas mais comuns de videoconferência²². Por motivos evidentes, os monólogos assumiram a frente das câmeras. Um exemplo foi o caso da peça "Diana", encenada por Celso Frateschi no canal do #EmcasacomoSesc. Encerrados em casa e sem poder contar com os recursos cênicos tradicionais, os artistas se encaminharam pela via minimalista e logo se percebeu que as peças deveriam se sustentar basicamente nas ideias e na dramaturgia. Daí o peso dos autores e dramaturgos nesse contexto de afastamento das salas de apresentação. Um certo senso de urgência e de incerteza levou os autores a colocar em curso suas criações se apoiando no máximo em laços de amizade com diretores ou atores, mas quase sempre prescindindo de terceiros. Numa outra ponta, algumas companhias procuraram articular atores que jamais se encontraram antes para encenar, quase como uma "jam session", peças em que todos os personagens surgem dividindo a tela. É o que fizeram os Satyros com a peça "A arte de encarar o medo", apresentada na plataforma Symppla.

Uma das estratégias para manter a atenção do espectador, e debelar a dispersão e o tédio, é o emprego de um mecanismo típico dos jogos e muito favorecido pelas novas tecnologias. É a tão propalada "interatividade". Alguns grupos têm explorado esse mecanismo e tentado tornar o público partícipe das peças, com papéis e poder de decisão sobre os rumos. "Caso Cabaré Privê", da Companhia Pequeno Ato, é um desses exemplos, em cartaz no Symppla²³. Em outras situações, os personagens da peça podem ser "cancelados" pelo público, como se vê em "Parece loucura, mas há método", do Armazém Companhia de Teatro.

Como se vê, o espaço virtual não só liberou as companhias e os autores dos espaços teatrais e, portanto, dos custos, mas abriu um novo e complexo escopo para a criação. Do lado do espectador, agora ele possui um espectro de opções de peças acessíveis de qualquer lugar e com preços mais baratos ou até mesmo gratuitos.

O problema agora é a obtenção da renda, que é um problema que também tangencia as produções musicais. Diante de uma forma tão nova - o teatro realizado em *lives* -, o público ainda sente estranhamento e um desconforto que pode dificultar a disposição para pagar e assistir a uma peça pelas redes ou num aplicativo de comunicação. Algumas alternativas começam a ser

²² <https://www.correiobraziliense.com.br/diversao-e-arte/2020/08/4869260-inovacao-e-propostas-experimentais-revitalizam-o-teatro-na-pandemia.html>

²³ <https://observatoriodoteatro.uol.com.br/criticas/corajoso-caso-cabare-privé-avanca-nas-investigacoes-online-ao-dar-sedutor-protagonismo-ao-publico>. Para a compra de ingressos: https://www.symppla.com.br/caso-cabare-privé---0808---online__920274

vislumbradas com base em algumas práticas vigentes. Uma delas é a monetização das encenações, por meio de anunciantes; outra é o patrocínio fechado, promovido por instituições governamentais e afins. Nessa perspectiva, pequenas companhias poderiam ser beneficiadas e haveria o estímulo a produções mais experimentais e independentes. O nó permanece com relação ao destino das salas de teatro e às companhias de maior envergadura. Para muitos analistas, não será fácil retomar os grandes espetáculos dentro das novas normas sanitárias, sem contar o receio das audiências em voltar a se aglomerar numa sala escura e abafada. "Mesmo quando os teatros reabrirem, as regras de distanciamento social vão restringir os ensaios, as apresentações serão forçadas a vender menos, e mais caros, ingressos", avalia a articulista Helen Lewis da prestigiada *The Atlantic*²⁴. Talvez esse seja um momento de redefinições radicais das dimensões estéticas prevalentes no teatro. É o que aponta a dramaturga americana Emily Mann, quando afirma que "teremos que nos despir até o mínimo fundamental para construir um grande teatro"²⁵.

A crise serve para mostrar que é necessário reconhecer que certos segmentos culturais não podem depender do mercado; é necessário pensar em programas sistemáticos e permanentes de fomento e estímulo ao teatro.

Música e espetáculos ao vivo

O que foi dito para o teatro, em parte, acaba valendo para as apresentações musicais e afins. São modalidades que exigem a presença "ao vivo" do músico e caminho tem sido necessariamente pelas *lives*. De fato, uma torrente de eventos musicais proliferou logo nos primeiros dias da quarentena. Fenômeno mundial, esses eventos colocaram o Brasil como o país com mais *lives* vistas no Youtube²⁶. Renomados, independentes e anônimos, não houve quem não entrasse nesse meio virtual. Evidentemente que aqueles músicos ou bandas com menor estrutura tiveram mais facilidade para a adaptação, mas todos ao final acabaram entrando no ritmo, mesmo grandes orquestras.

Houve a confluência para um mínimo denominador comum intimista, indicando que a música, assim como o teatro, pode prescindir de toda parafernália. De repente, fomos tragados pela 'síndrome João Gilberto' da voz, banquinho e violão", afirmou o guitarrista Nelson Coelho da banda paulistana Akira S. e as garotas que erraram²⁷. Até mesmo os Rolling Stones se renderam ao formato e

²⁴ Na Inglaterra, país tradicionalmente associado aos grandes espetáculos, não parece haver muito otimismo sobre a recuperação do teatro. <https://www.theatlantic.com/international/archive/2020/05/theater-survive-coronavirus-art-west-end-broadway/611338/>

²⁵ <https://www.latimes.com/entertainment-arts/story/2020-05-19/coronavirus-reopening-theater-future>

²⁶ <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2020/07/shows-virtuais-catapultam-brasileiros-a-lista-de-artistas-mais-assistidos-do-mundo.shtml>

²⁷ <https://www.hojeemdia.com.br/almanaque/artistas-apostam-em-shows-intimistas-feitos-dentro-de-casas-1.377517>

protagonizaram uma apresentação memorável de "You can't always get what you want"²⁸, que soou ainda mais vibrante do que em sua versão original.

Mas a *live* não teria nada muito novo não fosse a proximidade que ela permite entre o músico e o espectador. É muito diferente dos acústicos que a MTV se notabilizou em produzir. Porque agora a pessoa está diante da performance ao vivo, como se recebesse a transmissão exclusiva para sua sala, notadamente se o evento for por meio das plataformas de videoconferência. Alguns usuários dessas plataformas afirmam que os *chats*, durante e ao final da apresentação, oferecem a oportunidade para interagir com os músicos de uma forma que seria praticamente impossível numa casa de espetáculo²⁹.

Uma questão complicada de ser transposta é o sentimento de comunhão que o espaço de show permite. Porque a música acaba implicando um envolvimento coletivo, evoluções corporais, uma multidão em dança. Isso é impossível para vários gêneros musicais. Maurílio Ricardo, da banda punk independente "Ira proletária", disse que fizeram várias *lives*, mas "não curtimos legal, porque não víamos a reação de quem assistia, poucas pessoas dançavam em suas casas"³⁰. Esse é um problema que os DJs também têm enfrentado. "No começo é entediante tocar um *playlist* sem a resposta da pista. Muita gente nos sofás, um ou outro dançando", lamenta o DJ Jefferson M., que costuma tocar nas noites paulistana e carioca³¹. Para tentar recriar o clima de balada, algumas casas e DJs independentes estão promovendo pacotes em que o ingresso dá direito a um kit de bebidas, que é encaminhado poucas horas antes do início. A Festa Zoma obteve sucesso com esse modelo e se consolidou nas plataformas³².

Do lado de quem acompanha de casa as *lives*, muitos seguidores estão se adequando às novas limitações com alguma tranquilidade. Claudemir Faraco, inveterado frequentador de baladas tecno em Brasília, diz que "é estranho dançar sozinho, mas com o tempo você entra no embalo."³³ Para incrementar a experiência, ele instalou um sistema estroboscópico em seu quarto. Algo semelhante fez a jornalista Natália Eiras. "Comprei uma luminária que mudava de cor por controle remoto, para um dia como a última sexta-feira. Estava transformando o escritório de casa em uma pista de dança para curtir a festa D/Boa, que acontece toda semana em uma sala no Zoom, software de

²⁸ <https://www.youtube.com/watch?v=N7pZgQepXfA>

²⁹ <https://oglobo.globo.com/cultura/como-fenomeno-das-lives-esta-resgatando-arte-da-boa-velha-conversa-24527153>

³⁰ https://whiplash.net/materias/news_739/324353-inocentes.html

³¹ <https://www.metropoles.com/entretenimento/musica/quarentena-djs-montam-playlist-para-voce-curtir-balada-em-casa>

³² https://www.sympla.com.br/zoma__562942

³³ <https://www.metropoles.com/entretenimento/balada/video-brasilienses-curtem-balada-em-casa-durante-quarentena>

videoconferência"³⁴. Para ela aquilo se converteu numa "ótima experiência de autoconhecimento, porque eu estava só, não havia um outro para me distrair dos problemas". O que chama atenção é o fato de que houve o crescimento de compra de luminárias estroboscópicas, como atesta um vendedor da Casa de Lustres Bobadilha, uma das mais tradicionais de São Paulo³⁵.

No que se refere ao retorno financeiro, os músicos têm encontrado dificuldades como os profissionais do teatro. A exceção fica por conta daqueles que, com um apelo comercial maior, conseguiram manter um afluxo de renda substancial graças aos patrocínios de anunciantes de peso. Ivete Sangalo e Marília Mendonça estão nesse grupo³⁶. Os músicos mais independentes, com menor ancoragem de mercado, reclamam que o modelo de *lives* é bastante desigual. É o que aponta a cantora Karina Buhr: " precisa ter uma estrutura mínima de som e luz ou fica parecendo amador. Isso elitiza demais o formato. Não dá para tirar som bonito de instrumento e voz sem microfone legal, sem placa de som no computador, sem um conhecimento da parte técnica"³⁷. O músico se sente desvalorizado e tratado como um amador entre tantas *lives* que inundam as redes. Caberia aqui também soluções que exigiriam novas formas de patrocínio público e privado, procurando criar condições para que não predomine a dependência dos ingressos e do mercado como um todo.

Artes visuais

O setor das artes visuais sofreu o impacto da quarentena de diversos modos. Do ângulo da criação e produção, era inevitável que a pandemia, e suas consequências sanitárias, se tornasse um dos tópicos recorrentes dos artistas. Desde o inglês David Hockney até nomes menos conhecidos, inúmeros artistas têm procurado registrar de algum modo, mais ou menos figurativo, a situação de isolamento social. O destaque se dá, no entanto, pela presença de não artistas que começaram a se dedicar, em grande número ao redor do mundo³⁸, a atividades artísticas dos mais variados tipos. São desde pinturas simples até elaborações mais sofisticadas. Em São Paulo, funcionários de duas importantes lojas de artigos para trabalhos em artes, A casa do Artista e Papelaria Universitária, relataram que instrumentos e insumos para pintura estão sofrendo desabastecimento por causa da grande demanda dos consumidores. Laura, da Papelaria Universitária informa que "não conseguimos manter o estoque de pincéis e tintas porque toda hora chega alguém querendo". E complementa que "são pessoas comuns, que não são

³⁴ <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2020/06/03/balada-no-zoom-como-e-me-arrumar-para-uma-festa-e-curtir-sentada-na-sala.htm>

³⁵ <https://emobile.com.br/site/varejo/cresce-interesse-por-itens-de-decoracao/>

³⁶ <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2020/04/09/Como-as-lives-se-tornaram-centrais-para-os-artistas-da-m%C3%BAsica>

³⁷ <https://www.itaucultural.org.br/como-fica-mercado-musica-pandemia>

³⁸ <https://www.washingtonpost.com/nation/2020/04/11/cooking-calligraphy-people-stuck-home-are-finding-new-space-creativity/>

profissionais". Na loja A casa do artista, papéis especiais são um dos itens mais adquiridos, secundado por frascos de tintas. Assim como no audiovisual, aqui as pessoas deixam o papel passivo e começam a se apropriar de meios artísticos para sublimar esse momento.

No âmbito da difusão e circulação, tem se verificado uma reorganização de instituições e galerias. Pinacoteca, Museu de Arte Contemporânea (MAC), Museu de Arte Moderna (MAM), entre outros importantes espaços paulistanos, procuraram acelerar o processo de digitalização e virtualização dos respectivos acervos³⁹. Os passos ainda são lentos, se comparado a ações similares nos grandes museus do exterior, mas o acesso ao público vem se facilitando. O rico circuito de galerias privadas do eixo Rio-São Paulo também entrou no mesmo caminho. "Fechei minha galeria de 500 metros quadrados e troquei por um galpão de 70 metros quadrados, que utilizo para expor e filmar meu grupo de obras", afirma Luciana Caravello, galerista, que passou a comercializar pela galeria virtual⁴⁰. Isso acabou se repetindo com outras galerias relevantes, como Luisa Strina e Fortes D'Aloia. Até mesmo a SP-Arte, feira internacional de arte em São Paulo, foi realizada virtualmente e teve boa repercussão⁴¹.

A reprodução virtual das obras criou uma nova camada estética, para além do trabalho físico. A captação das imagens abriu um campo de oportunidades (e exigências) para fotógrafos, que praticamente foram responsáveis por uma reelaboração visual inovadora para se obter a percepção adequada de um quadro ou de uma escultura. Avaliar uma obra dessas apenas pela tela de um computador não é tarefa fácil, principalmente para observar texturas, relevos sutis, matizes que variam com o ângulo do olhar e a luz. Muitas vezes o próprio artista se responsabilizou pela captação fotográfica de sua obra.

Uma saída inusitada para atrair público foi o formato *drive-thru* de exposição. Não há sinais de ser uma tendência, mas não deixa de ser algo a ser notado. Isso se deu no bairro da Vila Leopoldina, no evento DriveThru.Art⁴². Imensos painéis, criados especialmente para a ocasião, foram expostos numa sequência pela qual os carros deveriam passar. Com certeza não se pode dizer que é uma forma adequada de apreciação estética do objeto artístico em si.

³⁹ <http://cidadedesapaulo.com/v2/novidades/museus-paulistanos-tem-exposicoes-virtuais-no-periodo-de-quarentena/?lang=pt>. Muitos desses museus passam por reestruturação para se reinventarem diante da pandemia (<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2020/08/nomeados-na-pandemia-chefes-de-museus-de-sp-enfrentam-desafios-ineditos.shtml>). Infelizmente, houve um número muito grande de dispensas de trabalhadores nesse movimento de virtualização.

⁴⁰ Entrevista dada à Folha de S. Paulo em 06/08/2020. (<https://www.pressreader.com/brazil/folha-de-s-paulo/20200806/282175063461799>).

⁴¹ <https://www.sp-arte.com/>

⁴² <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2020-07/capital-paulista-recebe-exposicao-drive-thru-com-paineis-gigantes>

O dado positivo para o mercado de arte, e que contrariou as expectativas, é o aumento de compradores de obras ao longo da pandemia⁴³. O curioso é que o fechamento das instalações físicas e a migração para a virtualidade aumentou e trouxe um novo perfil de venda. Essa já era uma tendência internacional, como indicavam levantamentos do ArtMarketGuru do início de 2019⁴⁴, mas no Brasil era algo inédito. Primeiramente, o que marchands e curadores locais perceberam foi o fato de que muitos colecionadores tradicionais, forçados ao convívio ostensivo com suas coleções, foram estimulados a ampliar um determinado segmento, a completar a série de um escultor ou pintor, ou simplesmente a explorar novos nomes. Além disso, a permanência no isolamento do *home office* levou muitos jovens profissionais de renda média a frequentar sites de galerias e a procurar obras mais em conta para preencher o lar, convertido em unidade de trabalho. Tanto para a finalidade de decoração como para a apreciação estética, criou-se uma demanda por obras não tão caras, o que abriu oportunidade para artistas em fase de afirmação. Paulo Bento Flores, gestor de marketing de uma multinacional, relata que "após a compra de um apartamento maior para o trabalho remoto, me vi impelido a preencher uma das paredes com quadros instigantes"⁴⁵.

Numa outra ponta, o que se verificou foi a forte presença dos chamados "compradores online", ou seja, aqueles consumidores habituados a frequentar sites de venda como uma espécie de hobby. É uma geração impulsiva, e com dinheiro, para quem a imediatez do Instagram é o melhor canal de compra, porque basta um toque na tela e tudo se realiza sem burocracia e o constrangimento de ter que demonstrar entendimento de obra de arte. E foi pelo Instagram que as vendas de galerias e artistas individuais mais cresceram⁴⁶. Segundo Lúcia Henriques, gerente de uma galeria renomada de São Paulo, "uma nova safra de clientes, mais jovens e acostumados às compras via redes sociais, vem se delineando"⁴⁷. Há o que se chama de afinidade eletiva entre uma disposição cultural e as condições materiais garantidas pela tecnologia e pelo mercado.

Aportes finais

Faltou o olhar sobre uma série de outras modalidades artísticas (dança, circo etc) e também sobre tópicos importantes (condições materiais de produção e difusão, educação e cultura, expressões identitárias etc), mas nenhum ponto

⁴³ <https://valor.globo.com/eu-e/noticia/2019/06/07/mercado-de-arte-resiste-a-crise-e-tem-aumento-de-vendas.ghtml>

⁴⁴ "Growth of the online artmarket" In: <https://www.artmarket.guru/le-journal/market/online-art-market/> Este mesmo site traz uma discussão sobre o mercado virtual de arte como parte de um processo de transformação mais ampla dos mercados (<https://www.artmarket.guru/le-journal/opinion/future-art-gallery-models/>)

⁴⁵ <https://cultura.estadao.com.br/noticias/geral,sp-arte-se-reinventar-na-pandemia-e-aposta-na-transformacao-digital-do-mercado,70003406895>

⁴⁶ <https://arteref.com/mercado/como-vender-arte-pelo-instagram/>

⁴⁷ Entrevista por telefone em 02/09/2020.

final encerra um percurso de conhecimento. Ficam, como se alertou no início, apenas um conjunto de ilações. Contudo, dentro dos limites do modo de produção e da conseqüente compartimentalização da esfera cultural, é necessário atentar para o mais evidente: a) deverão entrar na pauta a elaboração de mecanismos novos de patrocínio e manutenção das práticas artísticas profissionais; b) os aparatos e a infraestrutura de comunicação devem fazer parte de qualquer política de combate à desigualdade; c) a nova configuração, e seus aspectos econômicos, dos espaços coletivos de fruição cultural.

setembro/2020